



## CIÊNCIAS HUMANAS

**BNCC e escrita cursiva: um estudo sobre as percepções dos professores da rede municipal de Lajeado-RS***BNCC and cursive writing: a study on the perceptions of teachers from the municipal network of Lajeado-RS*Cláudia Redecker Schwabe<sup>1</sup>, Anastácia Lottermann<sup>2</sup>**RESUMO**

O trabalho aborda as percepções dos professores municipais de 1º, 2º e 3ºs anos de Lajeado - RS quanto à importância e à obrigatoriedade do ensino da letra cursiva. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seu ensino é obrigatório. Assim, objetivou-se verificar o que os professores pensam a respeito, bem como se consideram importante saber ler e escrever utilizando essa letra, além de investigar possíveis habilidades que são desenvolvidas com seu uso. Analisaram-se referenciais teóricos como Material do Pró Letramento, Cadernos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, BNCC, Soares (2015), Camini (2013) e Morais (2012), além de pesquisa com os professores para verificar seu posicionamento. A partir dos dados e do arcabouço teórico, refletiu-se sobre o ensino da escrita cursiva, a exposição simultânea do aluno à letra de imprensa e cursiva, a continuidade da exigência da letra cursiva, a relação do professor com a escrita cursiva, bem como a viabilidade do seu ensino no 1º e no 2º ano. Constatou-se que os professores consideram importante seu ensino e preferem utilizá-la. Também destacam que seu uso estimula mais o cérebro e melhora a coordenação motora.

**Palavras-chave:** Alfabetização; anos iniciais; escrita; letra cursiva; obrigatoriedade.

**ABSTRACT**

*This paper analyses the perceptions of public elementary school teachers in the 1st, 2nd and 3rd primary grades in the city of Lajeado – RS regarding the importance of teaching cursive handwriting, which is required according to Brazil's National Common Curricular Base (BNCC). The purpose is to investigate the teacher's opinion on this theme, questioning if learning how to read and write using cursive handwriting is considered important for them as well as to find out skills that may be developed from its use. The analysis was based on the following literature review: Pro Letramento Material, Cadernos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, BNCC, Soares (2015), Camini (2013) and Morais (2012). A survey with teachers was conducted in order to verify their position. Based on the data and the theoretical framework the analysis comprises the teaching of cursive handwriting, the simultaneous students' exposure to print and cursive writing, the current requirement for using cursive handwriting, the teachers' opinion about cursive writing, as well as its teaching practices in the 1st and 2nd primary grades. The results indicate that teaching*

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul, câmpus Lajeado/RS – Brasil. E-mail: [claudiaschwabe@ifsul.edu.br](mailto:claudiaschwabe@ifsul.edu.br)

<sup>2</sup> E-mail: [anastacialottermann@gmail.com.br](mailto:anastacialottermann@gmail.com.br)



*cursive handwriting is important for the teachers and they prefer to use it. They also emphasize that its use stimulates brain activity and improves motor skills.*

**Keywords:** Literacy; primary grades; writing; cursive handwriting; requirement.

## 1. INTRODUÇÃO

As competências e diretrizes do Ensino Fundamental estão contempladas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo que no dia 22 de dezembro de 2017 foi publicada a Resolução CNE/CP nº 2 que institui e orienta a implantação da BNCC. No art. 15 desta Resolução está definido, no parágrafo único, que a adequação dos currículos à BNCC deve ser efetivada no máximo até o início do ano letivo de 2020 e sua revisão, conforme consta no art. 21, deve ocorrer após cinco anos. (CNE, 2017). A BNCC elenca diferentes áreas de conhecimento e, dentro da área de Linguagens, quando referencia o processo de alfabetização, uma das habilidades descritas é a aprendizagem da letra cursiva. Mas o que será que pensam os professores que atuam de 1º a 3º anos do Ensino Fundamental (EF) sobre isso?

Diante dessa questão, o presente texto apresenta o resultado de uma pesquisa junto a docentes atuantes nas turmas de 1º a 3ºs anos do EF da rede municipal de Lajeado – RS. Tem por objetivo investigar o que os professores dessas turmas pensam a respeito da obrigatoriedade do ensino da letra cursiva, a viabilidade da exposição simultânea do aluno a diferentes formatos da letra, a importância de ainda saber ler e escrever utilizando a letra cursiva, além de investigar possíveis habilidades que podem ser desenvolvidas com o uso da escrita cursiva.

Ancorado em estudos da Psicogênese da Escrita e também do Construtivismo, que defende que o aluno deve estar no centro do processo de aprendizagem, passou-se a difundir a ideia de que, no início da alfabetização, a letra mais recomendada para se usar seria a letra de imprensa maiúscula. Com isso, a letra cursiva foi perdendo espaço e, assim, foi surgindo a dúvida quanto à importância do seu ensino.

Dessa forma, instaura-se, entre os educadores, a incerteza quanto à importância/necessidade de ainda se ensinar a escrita cursiva. No entanto, a BNCC, promulgada em 2017, quando faz referência ao processo de alfabetização da criança, estabelece que “é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize”. (BNCC, p.87). E, nesse processo, elenca, entre outros, “o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas)”. (BNCC, p.90). Ou seja, independentemente das concepções pedagógicas quanto ao seu ensino, tem-se um documento legal que estabelece que a escrita cursiva seja ensinada. No entanto, sabe-se que, entre docentes, há visões pedagógicas, muitas vezes, dissonantes. Assim, embora haja um documento legal estabelecendo que se ensine a letra cursiva, pode haver certa resistência por parte de alguns docentes. Diante disso, a necessidade de se pesquisar se há dissonância entre o que pensam os professores e o que diz o documento oficial, no caso, a BNCC.

Trata-se de uma investigação com abordagem qualitativa. Foi aplicado um questionário estruturado e dissertativo envolvendo 36 docentes com regência de classe em turmas de 1º a 3º ano da rede municipal de Lajeado - RS, no ano de 2019. Vale ressaltar que os docentes do 3º ano foram incluídos nessa pesquisa, porque são esses profissionais que irão atuar com os alunos que tiveram acesso às variadas formas de letras desde o 1º ano.



O presente texto está organizado em cinco capítulos. Terminada esta parte de introdução acerca do problema da pesquisa, registra-se, no segundo capítulo, *Por que falar em escrita cursiva atualmente?* com a revisão literária sobre a escrita cursiva e as dúvidas acerca de sua importância. O terceiro capítulo, sob o título *Os caminhos desse texto*, apresenta o percurso metodológico e a contextualização da pesquisa. No quarto capítulo intitulado *Com a palavra, os professores*, são analisados os resultados da pesquisa, permeados pela opinião de estudiosos sobre o tema em estudo. Finalizando este trabalho, encontram-se, no último capítulo, as considerações finais sobre o estudo, seguido das referências e do apêndice.

## 2. POR QUE FALAR EM ESCRITA CURSIVA ATUALMENTE?

Escrita cursiva é a escrita das palavras grafadas de forma inteira, sem separações, também denominada popularmente de escrita emendada. A escrita cursiva surgiu na Idade Média para comunicação sigilosa entre a nobreza e o clero, sendo praticamente indecifrável às outras pessoas. (SCHWARTZ, 2010). Com o passar dos anos, houve muitas modificações e, atualmente, apresenta traçados mais fáceis de serem escritos, mais simples.

Durante um longo período, a escrita cursiva era sinônimo de cultura, pois somente quem possuía mais estudo tinha um bom traçado. Investia-se muito tempo em caligrafia, com repetições das letras sem poder levantar o lápis do papel enquanto se escrevia. Em muitas situações, como na busca por um emprego, fazia-se também uma avaliação da escrita cursiva. Até mesmo a personalidade de uma pessoa era verificada mediante a análise da sua escrita cursiva, inclusive pela sua assinatura.

Conforme Morais (2012), até a década de 1980, as crianças de nosso país e de muitos outros só podiam escrever com a letra cursiva. Ainda, precisavam copiar com caligrafia perfeita sem, necessariamente, uma preocupação maior com o que escreviam. No entanto, nas cartilhas que utilizavam, predominava a letra de imprensa (maiúscula e minúscula), e a professora escrevia com letra cursiva. Isso gerava muita dificuldade para a criança na fase da alfabetização. Morais (2012) é favorável à utilização da letra de imprensa maiúscula na fase inicial de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), uma vez que essa apresenta um traçado com retas e curvas, considerada mais simples e, por as letras ficarem separadas umas das outras, poderiam ser melhor visualizadas pela criança.

Sobre o uso da letra de imprensa no começo da alfabetização, Camini (2010) destaca:

Também deve ser mencionado que, a partir dos estudos de Ferreiro e Teberosky sobre as hipóteses de escrita formuladas pelas crianças, disseminou-se a ideia de que o uso de letras soltas (de fôrma ou script) no início da alfabetização seria ideal, tendo em vista que a criança utilizaria entre seus critérios de raciocínio sobre a escrita a quantidade e a variedade de caracteres grafados ao escrever. (p.104).

A opinião de que inicialmente a criança deve ser alfabetizada empregando-se a letra de imprensa maiúscula é compartilhada por muitos professores e destacada também por Soares (*apud* Schwartzman, 2010):

No momento em que a criança está descobrindo as letras e suas correspondências com fonemas, é importante que cada letra mantenha sua individualidade, o que não acontece com a escrita 'emendada' que é a cursiva; daí o uso exclusivo da



letra de imprensa, cujos traços são mais fáceis para a criança grafar, na fase em que ainda está desenvolvendo suas habilidades motoras. (texto digital).

Cagliari (2009) destaca que, para aprender a ler e escrever, a grafia da letra de imprensa maiúscula é mais simples e fácil, mas a escrita cursiva continua sendo importante e salienta, inclusive, o uso da caligrafia: "Deve-se ensinar a caligrafia da escrita cursiva. Não cuidar da arte de escrever é um equívoco, um erro da escola, que diz ser moderna". (CAGLIARI, 2009, p.84).

Contrapondo-se à tendência de alfabetizar com o uso da letra de imprensa maiúscula, que foi amplamente difundida com os estudos de Ferreiro e Teberosky, Grossi (1990a) afirma que, desde o início da alfabetização, a escrita deve ter as duas apresentações: letra de forma e letra cursiva. Isso porque a letra cursiva é a ideal para que ocorra a identificação da palavra como um todo, sendo inclusive um facilitador nessa fase, o que explicaria que pessoas que não leem assinam seu nome com letra cursiva e não com letra de imprensa. Grossi (1990 b) cita atividades que podem ser realizadas com os alunos envolvendo os dois tipos de letras, como a elaboração de texto coletivo e, após a visualização desse texto nos dois tipos de letras, a letra de imprensa e a cursiva. A autora justifica a representação dos dois tipos de letras: "O uso simultâneo dos dois tipos concretiza o fato de que os símbolos podem ser múltiplos, enquanto que aquilo que é simbolizado é sempre único". (GROSSI, 1990, p.172).

Com o desenvolvimento da tecnologia e da impressão (Gutenberg), a escrita cursiva foi aos poucos perdendo espaço e prestígio. Em toda a parte, percebia-se o prestígio da letra impressa, inclusive em cartazes nas escolas.

Em 2011, o *Common Core Stated Standards Initiative* (Iniciativa para um Padrão Comum de Currículo) determinou que as escolas nos Estados Unidos não investissem mais do tempo escolar com a escrita cursiva e sim, se dedicassem à escrita digital. Sendo assim, a partir de 2012, as escolas foram autorizadas a abandonar o ensino da escrita cursiva. (SCHWARTZ, 2010). Com isso, intensificou-se mais ainda a discussão, nas escolas brasileiras, acerca da necessidade ou não de continuar dedicando tempo à escrita cursiva e de sua utilidade. Nesse viés, percebem-se opiniões diversas entre os educadores quanto à sua necessidade e também o momento correto de ensinar a escrita cursiva. Enquanto uns defendem que não há mais necessidade de ensiná-la, observa-se que outros já a ensinam na Educação Infantil.

Piccoli e Camini defendem a ideia de que colocar em dúvida o ensino da letra cursiva não significa questionar o ensino da letra manuscrita, pois para elas a cursiva exige mais tempo da escola e não é garantia de que a criança escreverá melhor e mais rapidamente. E acrescentam: "Até mesmo porque a escola não vem dando conta de ensiná-la, demandando um amplo investimento da criança em casa sobre tal aprendizagem". (PICCOLI; CAMINI, 2012, p.83).

Camini (2013) afirma que, no passado, era necessário escrever sem levantar a mão, utilizando-se da letra cursiva para que a pena de ganso ou metálica não pingasse a tinta. Eram realizados muitos exercícios de caligrafia, fazendo parte dos métodos utilizados na alfabetização. Dessa forma, muitas crianças, durante o século XX, desenvolveram o traçado belo de suas letras, antes mesmo de saberem ler, sendo somente copistas. O belo traçado das letras era requisito para avançar de nível escolar, o que deixou de ocorrer com as exigências do mercado e pressões sociais. Ter uma letra legível exige investimento, treino. O que deve ser questionado, segundo a autora, são os fundamentos que justificam a necessidade da prática escolar do ensino da letra cursiva. Camini (2013) acrescenta que há pais e alunos que esperam ansiosamente o momento do



ensino da letra cursiva como um sinal da maturidade da escrita e que o professor que questiona essa prática é visto como “fraco” na arte de ensinar. Na atualidade, com o avanço das tecnologias, para muitos, digitar ou alterar um texto se torna mais rápido e prático do que se fosse escrito à mão, além de ter uma economia motora maior e facilitar uma das funções da escrita, que é comunicar. A autora afirma que na escola observam-se dois extremos: ou um desprezo com a escrita legível ou um apego à caligrafia com as repetições excessivas como única opção. Camini (2013) salienta também que há pesquisas mostrando que o argumento de que a escrita cursiva é mais rápida é relativo, pois há outros fatores envolvidos como o modo de apoiar a mão sobre o papel, o modo de segurar o lápis, caneta, o ângulo utilizado para apoiar o papel, isso influenciará no tipo de fonte que é mais ágil para cada um. Então, Camini define que a escola é responsável por investir em estratégias que auxiliem os alunos a escreverem de modo legível. A autora assevera que a escrita manual continuará sendo uma habilidade necessária na sociedade, principalmente se não houver a disponibilidade de suporte digital, e que precisamos ensinar os alunos a escolherem o tipo de letra mais adequado para cada momento e não privá-los de saber ler em diferentes fontes e suportes textuais.

Os documentos que norteavam a Educação em nosso país antes da BNCC eram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais não faziam referência ao ensino da letra cursiva. Corroborando essa constatação, Schwartz (2010, p.79) afirma que “No Brasil não existe legislação que obrigue o uso da letra cursiva nem seu ensino ou aprendizagem”. Nesse mesmo viés, também Camini (2010) relata que nem nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Volume Língua Portuguesa, lançados em 1997, há qualquer referência ao ensino do traçado das letras e prática de caligrafia.

O Programa Pró-Letramento, ocorrido em 2008 e 2009, que promoveu formação para professores de 1º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas, também aborda a questão do ensino da letra cursiva. Foi distribuído aos participantes e suas escolas um conjunto com sete fascículos, sendo que no Fascículo I, Unidade II, consta um quadro de capacidades, conhecimentos e atitudes para o 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, no qual se sugere que o objetivo de conhecer e utilizar diferentes tipos de letras (de fôrma e cursiva) seja introduzido no 1º ano e, no 2º ano, esse objetivo deve ser trabalhado de maneira sistemática e consolidado, para, no 3º ano, ser retomado. Os autores do programa destacam que os professores devem estar atentos ao momento ideal para apresentar as letras minúsculas e a letra cursiva, enfatizando que é função da escola desenvolver uma caligrafia legível e com boa apresentação estética. (PRÓ-LETRAMENTO, 2008).

Em 2012, com o Programa Nacional Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, focado na formação de professores de 1º a 3ºs anos do Ensino Fundamental, novamente se discute o ensino da letra cursiva. Com o objetivo de garantir que todas as crianças brasileiras estejam plenamente alfabetizadas até o final do 3º ano, ocorreram formações continuadas para esses professores, disponibilização de materiais didáticos e pedagógicos, além de avaliações dos alunos. Nos materiais disponibilizados aos professores participantes, observa-se a preocupação com o ensino da letra cursiva, ressaltando que os alunos devem ser expostos a ela no 1º ano, aprendê-la sistematicamente no 2º ano após estarem no nível alfabético e, no 3º ano, deve continuar a preocupação com a aprendizagem dessa letra. (PNAIC, 2013).

Dessa forma, nos encontros de formação do PNAIC, discutia-se a necessidade do ensino da letra cursiva, a qual era também cobrada nas avaliações externas que ocorriam no final do Ciclo da Alfabetização. Contudo, ainda não tinha um caráter obrigatório. Essa obrigatoriedade é, portanto,



explicitada em 2017, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como o indicativo do ano em que esse deve ocorrer.

### 3. OS CAMINHOS DESSE TEXTO

Tendo o objetivo de verificar o que os professores pensam a respeito do ensino da escrita cursiva, foi realizada pesquisa com os professores de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental das 18 Escolas Municipais de Lajeado, uma vez que esses, segundo os materiais do Pró-Letramento e do PNAIC, seriam os responsáveis por ensinar a letra cursiva e, com a implantação da BNCC, os professores do 3º ano irão atuar com os alunos que tiveram acesso às variadas formas de letras desde o 1º ano.

O município de Lajeado – RS está localizado na região do Vale do Taquari, situado a 112 km da capital Porto Alegre. É o município mais populoso da sua região tendo 78.486 habitantes, segundo o Censo IBGE de 2015, distribuídos em 91,16 km<sup>2</sup>. Atualmente, conta com 18 escolas municipais de Ensino Fundamental, além de escolas da rede estadual e particular, escolas de Educação Infantil, Ensino Médio e Nível Superior.

A pesquisa foi autorizada pela Secretaria Municipal de Educação e, após, enviada por e-mail às direções e ou coordenações das escolas que, por sua vez, a encaminharam aos professores atuantes nas turmas de 1º a 3ºs anos do EF. O instrumento de investigação é composto de nove questões on-line de resposta única e duas questões on-line com resposta aberta. No ano letivo de 2019, o município de Lajeado contava com 92 professores – 90 do sexo feminino e dois do sexo masculino - atuando de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, sendo que 36 professores responderam à pesquisa, totalizando um percentual de 39%. Como hipóteses para esse baixo percentual de respostas, podemos pensar em vários fatores, como a insegurança em expor sua opinião sobre um tema controverso, o pouco interesse pelo assunto investigado, além da (ainda) pouca familiaridade com o uso da tecnologia por parte de alguns professores (o questionário somente foi disponibilizado através da internet). Em nenhum momento o participante da pesquisa se identificou, ficando assim preservada a sua identidade. Para fins de identificação, os professores foram designados por P, referindo-se a Professores, e utilizados os números de 1 a 36. O tempo de atuação na educação dos professores pesquisados varia de dois meses a 38 anos, sendo que na faixa de dois meses a dez anos encontram-se 11 professores, na faixa de 14 a 20 anos estão nove professores, dos 23 a 25 anos há sete professores, dos 26 a 30 anos encontramos seis professores, há um professor com 31 anos de tempo de atuação, um com 34 anos e um com 38 anos de atuação no magistério. Quanto ao nível de escolaridade, todos os professores pesquisados possuem nível superior, sendo que a grande maioria, ou seja 26 professores (69,44%) cursaram Pedagogia na Graduação e 13 professores (36,11%) possuem especialização.

Explicitado o percurso metodológico e o perfil dos professores participantes da pesquisa, partimos, na próxima seção, para a análise dos dados.



#### 4. COM A PALAVRA, OS PROFESSORES

A BNCC estabelece que no 1º ano o aluno deve conhecer, diferenciar e relacionar todos os tipos de letra para, no 2º ano, aprender a escrever efetivamente a letra cursiva. Os professores foram questionados sobre a importância de apresentar a letra de imprensa maiúscula, minúscula e cursiva no primeiro ano e 27 professores (75%) responderam afirmativamente, enquanto nove professores (25%) acreditam não ser relevante. Aqui cabe destacar que, dos professores que atuam no 1º ano, oito relataram que acham importante e somente dois afirmaram não achar importante essa exposição aos vários tipos de letra no 1º ano. Sobre como os professores percebem o interesse do aluno em aprender a letra cursiva, 32 professores (88,9%) responderam que o aluno demonstra muita expectativa e quatro professores (11,1%) afirmaram que percebem pouca expectativa por parte dos alunos. Na opinião dos professores pesquisados, 24 professores (66,7%) acham que a maior expectativa para aprender e usar a letra cursiva é do aluno, cinco professores (13,9%) acreditam ser do professor a maior expectativa e sete professores (19,4%) percebem a maior expectativa por parte dos pais. Quanto à exigência do emprego da letra cursiva após a sua aprendizagem, 20 professores (55,6%) entendem que o aluno deve ser cobrado quanto ao uso da letra cursiva em suas produções escritas, enquanto que 16 professores (44,4%) entendem que o aluno deve escolher a letra que vai utilizar. Em relação a essa questão, Soares (2015) defende que o aluno deve ter a autonomia para escolher o tipo de letra que achar mais conveniente, quando souber ler e escrever com qualquer letra. A BNCC também não determina qual o tipo de letra a ser utilizado na escola após o 1º e 2º ano. Apenas destaca que no 2º ano o aluno efetivamente deve aprender a escrita cursiva.

Os professores pesquisados também foram questionados quanto ao tipo de letra com a qual preferem escrever. Dentre os respondentes, 29 docentes (80,6%) afirmaram ser a letra cursiva sua preferência, três professores (8,3%) escolheram a letra de imprensa maiúscula e quatro professores (11,1%) a letra de imprensa maiúscula e minúscula. Questionados quanto à letra com que acreditam escrever mais rapidamente, 28 professores (77,8%) pensam escrever mais rapidamente com a letra cursiva, cinco professores (13,9%) julgam ser com a letra de imprensa maiúscula e três professores (8,3%) consideram-se mais rápidos na escrita com a letra de imprensa maiúscula e minúscula. No material do Pró-Letramento argumenta-se que a escrita cursiva serve para se escrever com rapidez, mas Camini e Piccoli (2012) e Camini (2013) afirmam que a questão da rapidez na escrita depende de vários fatores. Um dos fatores é como foi para cada um a aprendizagem da letra cursiva e, nessa questão, 24 professores (66,6%) argumentaram que tiveram facilidade na aprendizagem da letra cursiva, cinco professores (13,9%) apontam que tiveram alguma dificuldade, somente um professor (2,8%) disse que teve muita dificuldade e outros seis professores (16,7%) responderam que não lembram como foi para eles a aprendizagem da letra cursiva. Questionados sobre o motivo pelo qual pensam ter tido esse desempenho na aprendizagem da letra cursiva, a maioria dos professores cita como fatores a motivação, o desejo, a curiosidade e a boa motricidade fina. O desejo por saber escrever com a letra cursiva era grande, como aparece na opinião desse professor:

P8: Porque o movimento que a caligrafia exigia das mãos e a atenção em cada detalhe dos traços era envolvente e prazeroso. Ver letras se interligando para formar palavras era mágico!



Conforme Antunes (2001), o trabalho com a aprendizagem significativa é mais eficaz quando há motivação e interesse. O professor P8 descreve bem esse interesse na aprendizagem que estava impregnada de significado para ele.

Os professores que responderam à pesquisa também foram perguntados sobre se ainda consideram importante o aluno aprender a ler e escrever com a letra cursiva, ou seja, se a BNCC não obrigasse o ensino da letra cursiva, o professor seria favorável ou não à sua aprendizagem e por qual motivo. Dos 36 professores que participaram da pesquisa, 33 (91,67%) escreveram que seriam favoráveis ao ensino da letra cursiva mesmo se não fosse obrigatório. Destaco algumas opiniões que refletem a importância da letra cursiva:

P23: Seria favorável. Considero importante, pois é uma forma de escrever muito mais personalizada.

P14: Sim, claro. Consegue-se escrever muito mais rápido na letra cursiva, estimula-se mais o cérebro. Porém penso que ela deve ser introduzida depois que a criança estiver alfabetizada, ou seja, lendo, compreendendo e escrevendo pequenas produções textuais, pois aí ela não precisa preocupar-se tanto com o som das letras, para dedicar-se às curvas, símbolos e traçado que a letra cursiva exige.

Morais (2012) corrobora a opinião de P14 ao dizer que, após alcançar a hipótese alfabética, precisamos auxiliar os alunos a escrever com letra cursiva, com legibilidade e rapidez. Conforme Doidge (2007), a letra cursiva exercita muito mais o cérebro, pois é preciso realizar movimentos mais complexos, já que escrevemos mais letras em uma única vez.

O professor P16 lembra da presença da escrita cursiva na sociedade atual:

P16: Sim, porque é uma letra que está presente na sociedade e quanto mais conhecimento temos melhor.

Soares (2015) confirma essa ideia ao dizer que a escrita cursiva ainda é utilizada nas práticas cotidianas, por isso a importância de o aluno conhecê-la.

O professor P5 defende desse modo seu posicionamento:

P5: Penso que sim, mas tudo é adaptável. [...] Vai depender de aluno por aluno. Ou queremos expor a ideia ou queremos cobrar a letra. Sei que é obrigatório, mas a criança tem seu tempo de amadurecimento e muitas vezes o que queremos é que a criança produza e ela pode escolher o que melhor e para ela. Nem que após a correção fizemos reescrever o texto usando a letra cursiva. Vejo algumas alunas do 1o ano escrevendo o seu nome usando a letra cursiva, mas enfatizou que está só deve ser trabalhada com alunos que se encontram em nível alfabético e já em processo de leitura. Por isso é importante que a escola tenha bons professores alfabetizadores e que apoio educacional por parte da escola, pais e sistema educacional estejam unidos para que encaminhamentos necessários a profissionais na área, se necessário, aconteçam já no 1o ano. Não dá para cobrar só do professor, pois este já faz maravilhas quanto a este encantamento, desejo e despertar para a escrita e leitura no 1o ano. (sic).

Percebe-se na fala desse professor a preocupação com o aluno que demonstra mais dificuldades, além de destacar a importância de fazer o aluno escrever, produzir. Muito interessante a prática pedagógica sugerida por P5, de deixar que o aluno escolha a letra que vai utilizar no momento da



produção escrita e posterior escrita com letra cursiva. Aqui cabe salientar os estudos de Doidge (2007) sobre os alunos que possuem dificuldades no cérebro de converter as palavras em símbolos, sendo que para eles a escrita com letra de imprensa ou a digitação é menos complexa, pois não conseguem escrever com movimentos longos como a letra cursiva demanda.

Entre os professores pesquisados, existe o interesse em conhecer mais sobre a escrita cursiva, seus benefícios, como demonstra a fala a seguir:

P8: Sim, desde que houvesse conhecimento teórico do(s) professor(es) sobre vários aspectos que fundamentam os estudos sobre o ensino da escrita cursiva. Nesse sentido, penso que somos muito rasos.

Molina (2007) corrobora essa ideia ao afirmar que, para entender como acontece a aprendizagem do aluno, o professor precisa de um conhecimento produzido no território da ciência, pois para compreender alguns fatos necessita-se de instrumentos para tal.

O uso da letra maiúscula na escrita é mais facilmente identificado utilizando a letra cursiva, como destaca o professor P7:

P7: Sim, é praticado a coordenação e identifica as adequações do uso da letra maiúscula.

No entanto, o professor P2 demonstra dúvidas sobre a necessidade de ainda se ensinar a escrita cursiva:

P2: Não saberia dizer, esse assunto é polêmico. Hoje praticamente não se usa mais letra cursiva, a não ser para assinar o nome.

Autores como Camini (2013) e Soares (2015) reforçam a ideia de que atualmente a letra cursiva é pouco utilizada. Mesmo assim, os alunos ainda precisam aprendê-la para que possam ler qualquer escrita, visto que muitos documentos foram escritos com a cursiva numa época em que essa era a letra mais empregada.

A fala a seguir é de um professor que teve muita dificuldade para aprender a escrita cursiva. Essa dificuldade, segundo ele, foi por falta de maturidade e domínio da motricidade fina. Relata que prefere escrever com a letra de imprensa maiúscula e escreve mais rapidamente com essa letra. Dessa forma, discorda totalmente do ensino da escrita cursiva:

P3: NÃO. NOS DIAS ATUAIS NÃO VEJO UTILIDADE NENHUMA A NÃO SER NAS ASSINATURAS.

O professor P9 afirma que, se não fosse obrigatório, ele seria desfavorável ao ensino da escrita cursiva:

P9: Não. Pois acredito que devemos trabalhar, incentivar, descobrir, criar escritas, produzir textos e escritas diversas, sem a preocupação de qual traçado de letra, sendo entendido e de forma correta é o suficiente, deixar livre o que a criança se sente segura em escrever. Muitas vezes fizemos essa cobrança pela cursiva e reduz a produção do aluno.

A fala do professor P9 é corroborada por Soares (2015), quando a autora menciona que podemos não impor a escrita da cursiva, mas cobrar que a escrita seja legível, pois se é uma forma de comunicação, o outro precisa conseguir ler.



O professor P18, por sua vez, concorda com o ensino da escrita cursiva expressando-se deste modo:

P18: Sim. Pois leva a criança a refletir mais sobre a sua escrita.

A psicóloga Virginia Berninger, da Universidade de Washington, demonstrou que a escrita à mão proporcionava à criança escrever mais palavras e expressar mais ideias do que as que digitaram no teclado. Berninger destaca: "escrever à mão, formando letras, envolve a mente, e isso pode ajudar as crianças a prestar atenção à linguagem escrita". (BERNINGER *apud* KONNIKOVA, 2014, texto digital).

Nesse mesmo viés da psicóloga, o professor P13 também fala de habilidades cognitivas:

P13: Acho importante ensinar a letra cursiva, pois o cérebro tem diversas habilidades cognitivas a serem desenvolvidas. A letra cursiva é uma delas. A letra cursiva é importante para melhorar a coordenação motora das crianças.

Ainda sobre habilidades cognitivas, a neurocientista da Universidade de Indiana, Karin Harman James, usou a tecnologia da ressonância magnética cerebral para documentar como o cérebro reage ao digitar e escrever letras. Quando as crianças tinham escrito a letra, percebia-se atividade cerebral maior do que na digitação. Segundo James: "A caligrafia envolve circuitos cerebrais diferentes do que a digitação. O contato de direção e a pressão da caneta ou lápis envia uma mensagem para o cérebro. E o processo repetitivo da caligrafia "integra vias motoras no cérebro". (JAMES *apud* HENNEMANN, 2012, texto digital). Em pesquisa feita com universitários, comprovou-se que aqueles que anotavam à mão lembravam-se com mais facilidade do que aqueles que digitavam.

A autora também assevera que o ato de digitar não tem o mesmo efeito que o ato de escrever. De acordo com suas pesquisas, a caligrafia pode mudar a forma como as crianças aprendem e desenvolvem seus cérebros. Observou-se que as crianças conseguiram elaborar frases mais completas e criativas utilizando-se da escrita do que as que utilizaram o teclado. (JAMES *apud* HENNEMANN, 2012).

Conforme Hennemann (2012), os que pensam que, para ter uma letra legível é só treinar muito a caligrafia, estão enganados:

Pois se faz necessário todo um trabalho de psicomotricidade começando pela motricidade ampla ("do corpo para o braço") até chegar à motricidade fina ("do braço para o movimento dos dedos"). (texto digital).

Nesse viés, atividades como pular corda, brincadeiras com bola, vai – vem, bilboquê, ioiô, cinco marias, bola de gude, são sugestões de exercícios elencados por Hennemann (2012) para desenvolver a motricidade ampla e assim preparar a criança para a escrita.

Portanto, de acordo com o arcabouço teórico consultado e com a opinião da maioria dos professores entrevistados, foi possível observar que a escrita cursiva ainda é considerada relevante, e a BNCC vem validar essa importância.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou abordar as percepções dos professores municipais dos anos iniciais de Lajeado - RS quanto à importância e obrigatoriedade do ensino da letra cursiva no 1º e no 2º ano do Ensino Fundamental (EF). Trata-se de um assunto bastante polêmico, que causa discussão nas famílias e nas escolas. Antes da regulamentação da BNCC, não havia obrigatoriedade no ensino e no uso da letra cursiva nas escolas. Entretanto, a BNCC explicita a obrigatoriedade do ensino da letra cursiva, bem como o momento em que esse deve ocorrer.

A partir do questionário enviado aos professores, indagando sobre a importância de apresentar ao aluno já no 1º ano do Ensino Fundamental os vários formatos de letras, constatou-se que a maior parte dos professores entrevistados ou 27 professores (75%) considerou ser importante essa apresentação. Além disso, a maioria dos entrevistados ou 32 professores (88,9%) percebe grande interesse nos alunos em aprender a letra cursiva.

Outro item pesquisado foi a continuação do uso da letra cursiva nos anos posteriores à sua aprendizagem. Quanto a esse questionamento, observaram-se posições divergentes. Pouco mais da metade dos professores entrevistados ou 20 professores (55,6%) respondeu que é importante continuar a exigência da letra cursiva, enquanto os demais colocaram que caberia ao aluno optar pelo formato de letra que gostaria de utilizar. Nesse sentido, também Soares (2015) defende que o aluno deveria poder escolher o tipo de letra que prefere utilizar. Além disso, a BNCC também não determina o formato de letra que o aluno deva empregar, ressaltando que a função da escrita é a comunicação e, por conseguinte, a letra empregada deve ser legível ao leitor, independentemente do formato aplicado.

Na investigação sobre a relação do professor com a letra cursiva, percebeu-se claramente que um alto percentual dos professores respondentes ou seja 29 professores (80,6%) preferem utilizar essa letra em seu cotidiano. Sobre os fatores que levam a essa preferência estão a percepção de que escrevem mais rapidamente com a cursiva, assim como a facilidade que tiveram para aprender essa letra, pois tinham desejo de aprendê-la, curiosidade e boa motricidade fina.

Embora a BNCC normatize a exigência do ensino da letra cursiva, a pesquisa evidenciou que, mesmo sem essa obrigatoriedade, 33 professores (91,67%) pesquisados seriam favoráveis à sua aprendizagem. Isso confirma que, segundo os professores, o ensino da letra cursiva ainda é considerado importante. Conforme estudos de neurocientistas, a escrita manual, em especial a cursiva, desenvolve mais habilidades cognitivas do que a digitação. A memorização seria facilitada escrevendo-se manualmente ao invés de digitalizar as informações.

Quanto mais acesso ao conhecimento nosso aluno tiver, melhores condições terá para realizar suas escolhas. Por conseguinte, o aluno deve aprender a escrever com todos os formatos de letra além de utilizar a digitação, aprendizagem necessária na atualidade. Depois que estiver alfabetizado e utilizando todas as escritas, poderá escolher como prefere escrever e se comunicar.

Nossa função de professores é dar condições para que os alunos possam cada vez mais ter autonomia para buscar o seu conhecimento e isso será facilitado com o acesso às várias formas de escrita. Cada pessoa é única e depende de vários fatores com qual letra ela prefere escrever, mas deve conhecer todas para ter a capacidade de realizar a sua escolha. Na percepção dos



professores pesquisados para a elaboração desse artigo, a escrita cursiva continua sendo importante e deve ser ensinada na escola.

## 6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Alfabetização Emocional**: novas estratégias. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº 2**, de 22 de dezembro de 2017. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79631-rcp002-17-pdf&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 16 abr. 2020.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: a apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo de alfabetização. Brasília: MEC/SEB, 2012.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAMINI, P. **Das ortopedias (cali)gráficas**: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita. 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27052>. Acesso em: 11 dez. 2019.

CAMINI, P. Escrita à mão, letra cursiva e caligrafia. **Presença Pedagógica**, v.19, n.113, p.26-32, set./out. 2013.

MOLINA, A. L. Leitura e Escrita: a avaliação docente em perspectiva. In: BOLZAN, Doris Pires Vargas (Org.). **Leitura e escrita**: ensaios sobre alfabetização. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

MORAIS, A. G. de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

PICCOLI, L. CAMINI, P. **Práticas Pedagógicas em ALFABETIZAÇÃO**: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Editora Edelbra. 2012.

SCHWARTSMAN, H. **Ensino da letra cursiva para crianças em alfabetização divide a opinião de educadores**. São Paulo: Folha de São Paulo, 17 mai. 2010. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/educacao/2010/05/736314-ensino-da-letra-cursiva-para-criancas-em-alfabetizacao-divide-a-opiniao-de-educadores.shtml>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SCHWARTZ, S. Aprender a Ler e Escrever: - É preciso letra cursiva? Não é preciso! **Educação e Cidadania**, Porto Alegre, n.12, p.71-82, 2010.

SOARES, M. **Magda Soares responde**. Belo Horizonte: UFMG/Ceale/FaE, 2015. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/magda-soares-responde-3.html>. Acesso em: 4 fev. 2020.

Submetido em: **03/03/2021**

Aceito em: **31/10/2021**